

Cachaças paraibanas recebem prêmios em concurso nacional

Cinco produtos produzidos no Estado ganharam medalhas de Prata e Ouro no Concurso Vinhos e Destilados do Brasil

Márcia Demetshuk
Especial para A União

Cinco cachaças produzidas na Paraíba foram laureadas com medalhas de prata e ouro na 19ª edição do Concurso Vinhos e Destilados do Brasil, 2020. A Umburana do Engenho Nobre, a Baraúna Carvalho, do Engenho Baraúna, ganharam medalhas de ouro. E a Baraúna Umburana, também do Engenho Baraúna; a Gregório Premium, da Agroindústria Engenho Gregório de Baixo e a Pai Vovô, da Fazenda Aliança Indústria de Aguardente, conquistaram medalha de prata.

Neste ano o concurso foi realizado de forma não presencial, o que diminuiu os custos para os participantes e possibilitou maior número de inscrições. As medalhas são concedidas a 30% dos inscritos, conforme as regras internacionais desse tipo de concurso, seguido pelos organizadores do concurso. Os jurados são escolhidos de acordo com o notório saber enológico e pessoas conhecedoras que também tenham potencial de atuar como influencer junto à sociedade.

Para Murilo Coelho, do Engenho Nobre (Cruz do Espírito Santo), "quando o produtor consegue uma medalha em um concurso como esse tem o reconhecimento do trabalho que vem desenvolvendo. A Nobre Umburana é um produto diferente, encorpado, que não tem diluição com cachaça branca. Foi uma aposta em uma cachaça marcante que trouxe esse resultado."

O arranjo produtivo da cachaça é um dos setores que integra o plano de Governo de João Azevêdo para a área de inovação. Além de destinar crédito por meio do Programa Empreender, através do qual Murilo Coelho investiu em equipamentos para o Engenho Nobre, o Governo da

Paraíba irá apostar no desenvolvimento científico.

Segundo o presidente da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba, Roberto Germano, a Fapesq irá financiar dois projetos de pesquisa, selecionados por meio de editais, para estudos da caracterização das leveduras usadas na fabricação da cachaça e da verificação das qualidades físico-químicas das bebidas; além da preparação de um painel treinado de análise sensorial das cachaças registradas na Paraíba, que fará análises das qualidades sensoriais das cachaças. "Os estudos irão beneficiar a todos os produtores registrados, inclusive os integrantes da Associação Paraibana dos Engenhos de Cachaça de Alambique. E para o próximo ano estamos organizando, em parceria com o Sebrae-PB, a realização do II Congresso Nacional de Cachaça e o II Salão de Negócios da Cachaça em João Pessoa", afirma Roberto Germano.

A ciência já é usada no Engenho Baraúna (Alhandra) para a seleção de leveduras. Alexandre Amorim Rodrigues, diretor do engenho, explicou que a empresa participou de estudos feitos pela Universidade Federal de Pernambuco que seleciona as melhores leveduras através de análise de DNA. Estudos desse tipo serão feitos na Paraíba. "Usamos técnicas na extração do caldo de cana e mantemos a tradição dos alambiques na produção", revela Alexandre Amorim.

"Um prêmio como este atesta a qualidade do produto e agrega valor. Nossa produção é 100% orgânica. Temos o Selo Orgânico, tanto nacional quanto da União Europeia", informa Bruno Abrantes, gerente da Cachaçaria Pai Vovô (Sousa).

O Concurso Vinhos e Destilados é independente e tradicional para o setor. A premiação foi pela Internet, dia 28 de outubro.

Turismo



Dois voos extras sairão aos sábados do aeroporto Castro Pinto para Viracopos

Foto: Edson Matos

Estado terá voos semanais exclusivos da Azul Viagens na alta temporada

A Azul Viagens, operadora de turismo da Azul, deu início à temporada de voos exclusivos para atender aos clientes nas férias de verão com segurança e comodidade. Até janeiro de 2021, durante a alta temporada, o aeroporto Castro Pinto terá dois voos semanais exclusivos, aos sábados, para o Aeroporto de Viracopos, principal centro de conexões da Azul no país.

As operações serão feitas com as aeronaves modelo Airbus A320neo, com capacidade para 174 clientes. Todos os voos seguirão os protocolos de higiene e segurança adotados pela companhia desde o início da pandemia.

"Essa é uma tradição da Azul Viagens que, em

parceria com hoteleiros e receptivos, busca oferecer mais comodidade e conveniência a seus clientes no período do verão. Temos como foco atender cidades menores, como as do interior de São Paulo, com voos diretos e dedicados para o Nordeste do país. Com esse movimento, nossa operadora de turismo reforça a importância do cliente dessas cidades para nosso negócio e, ao mesmo tempo, estimula a economia nessas regiões de destino, como João Pessoa", destaca Daniel Bicudo, diretor da Azul Viagens.

Para garantir as condições especiais do aéreo é necessário que a reserva seja feita incluindo a hos-

pedagem, para caracterizar o pacote de viagens. O cliente também tem a opção de incluir traslado, passeios e ingressos das atrações para deixar a viagem ainda mais completa. Além disso, a Azul Viagens oferece como condição de pagamento o parcelamento em até 10x sem juros no cartão de

crédito ou em até 12x sem juros no boleto bancário com entrada. Em outubro, a operadora de turismo da Azul atingiu 75% do patamar de vendas em relação ao mesmo período do ano passado e a expectativa da empresa é de que até o fim do ano retome a receita e alcance os mesmos percentuais de 2019.

Serviço

João Pessoa (JPA) – Campinas (VCP)

MALHA DEDICADA *a partir de 21 de novembro*

Origem	Saída	Destino	Chegada	Frequência
João Pessoa	17h25	Campinas	20h45	Sábados
Campinas	13h15	João Pessoa	16h25	Sábados

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com

Agora, aos 78, Gonzaguinha começaria tudo outra vez



Em sua edição de 26 de setembro de 1979, a revista "Veja" trazia uma matéria de capa com Gonzaguinha, de 5 páginas, escrita pela jornalista Regina Echeverria, que mais tarde

escreveria "Gonzaguinha e Gonzagão", uma biografia de ambos. O destaque que a revista dava a Gonzaguinha foi em virtude do artista estar vivendo na época uma grande ascensão artística, de compositor elitista e pouco popular, a compositor e cantor de sucessos consagrados. A matéria começava dizendo:

"Não dava mais pra segurar. Muito menos para dissimular ou disfarçar. O que o magro, desengonçado, quase sempre taciturno e patético Luiz Gonzaga Júnior tentou esconder e não conseguiu desabafar saiu com força de seu peito como para dizer: 'Chega de temer e sofrer'. Insistiu em que seu sorriso

estava preso, guardado atrás daquele jeito seco, daquela cara amarrada. Que seu corpo estava duro, defendido atrás de um violão. Como se num toque de mágica, quase sobrenatural, o caminho lento e sofrido de dez anos convergisse para uma certa noite, quando estremeu em São Paulo seu show "Gonzaguinha da vida", no qual viveu um pouco da letra de sua música e explodiu o coração."

Um box da matéria, escrito por Joaquim Ferreira dos Santos (colunista de 'O Globo'), intitulado "Gonzagão e seu filho maravilhoso" trazia um depoimento de pai pra filho:

"Na manhã de sábado passado, enquanto se certificava de que o cheiro de borracha queimada que invadia seu apartamento na Ilha do Governador provinha efetivamente do térreo, onde funciona uma arqui-inimiga oficina de automóveis. Luiz Gonzaga, 66 anos, avivava suas primeiras impressões do tempo em que o filho, com 17 anos, resolveu morar com ele: 'Ficava o dia inteiro tocando violão em cima da cama, olhando para as letras das músicas, e eu reclamava da posição em que



ele ficava - as costas curvadas para a frente, sobre o violão. Eu dizia que ele ia ficar corcunda e podem reparar que, hoje, é meio curvado (...)"

De experiência conjunta na gravação de "Vida de viajante", porém, guardou uma lição: "Nessa música eu cometi três erros, troquei palavras, entrei na hora errada, mas ele fez questão de deixar assim mesmo, dizendo: 'Você errou muitas vezes, meu pai'. Para Gonzagão, o herdeiro era uma benção divina: "Tantos homens casam por amor e nascem filhos defeituosos, que não dão em nada. Eu sempre tive essa vida desregrada, vivi na zona de prostituição no mangue - e me nasceu esse artista maravilhoso."

Em março de 1991, Gonzaguinha esteve em João Pessoa, não para fazer shows. Ficou dois dias e meio no Sol Mar Hotel.

Desde 1980 que Gonzaguinha morava em Belo Horizonte, com sua segunda mulher, Louise Martins (Lelete) e a filha deles, Mariana. O compositor tinha deixado o Rio no início da década de 80 porque não suportava mais o que chamava de "extrema agitação" da metrópole. No final dos anos 80, decidiu sair da capital mineira para morar em João Pessoa. Disse-me, por telefone, que BH - onde fazia também um programa de rádio - já estava para ele tanto quanto foi o Rio. Também de "extrema agitação".

Adorava João Pessoa e veio aqui com privacidade para conhecer melhor a cidade e escolher um bairro que o agradasse, a fim de fixar residência entre nós. Eu e o artista plástico Unhandeijara Lisboa (Nandi) fomos cicerones e o levamos a alguns bairros, menos na praia, pois Gonzaguinha não queria morar no litoral. Enfim, gostou muito da área entre o lado sul do Espaço Cultural e a Beira-Rio. Naquela época existiam ali terrenos não vendidos, onde não começaram construções. Nos autorizou a conversar com proprietários e corretores de terrenos ou casas desocupadas, para morar aqui a partir de 1992. Faltou dizer: eu, ele e Nandi passamos uma tarde bebendo num bar da Torre.

Praticamente dois meses depois, aconteceu a tragédia que deixou em luto a música brasileira. Depois de um show em Pato Branco, já de madrugada, Gonzaguinha não quis dormir na cidade paranaense. Às sete e meia da manhã de 29 de abril de 1991, foi vítima de um acidente automobilístico enquanto dirigia o carro em direção a Foz do Iguaçu. Estava com 45 anos de idade.

Sei que, se Gonzaguinha vivo fosse, agora com 78 anos, começaria tudo outra vez.